



---

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

## *Oficinas de Integração Curricular*

---

“O aprender a **conhecer**, o aprender a **fazer**, o aprender a viver juntos e a viver com os outros e o aprender a **ser** constituem elementos que devem ser vistos nas suas diversas relações e implicações”, *Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*

### **Articulação Projeto Educativo | Plano 21/23 Escola+ | Estratégia da Educação para a Cidadania**

A Escola Profissional Projeto Plural considera no seu Projeto Educativo que “Sem educação não há futuro”. Atenta ao perfil do aluno do século XXI e às exigências de um futuro que começa hoje, inscreveu-as no seu projeto educativo e tem potenciado o seu desenvolvimento nas atividades curriculares e não curriculares. Num mundo em permanente mudança, no qual o inesperado e o incerto são a marca do tempo em que vivemos, em que o ritmo de adaptação a novas realidades é uma exigência contínua, a formação e a aprendizagem têm de orientar-se, inevitavelmente, para o desenvolvimento de competências que permitam flexibilidade, capacidade de decisão, disponibilidade para uma aprendizagem contínua, explorando diferentes e vários saberes, com agilidade, ousadia e determinação.

A orientação educativa que preconizamos vai muito além dos conteúdos programáticos e dos objetivos e aprendizagens que promulguem somente a aquisição de competências cognitivas. Queremos, sempre, apostar numa educação global que atravesse todas as circunstâncias do ser e do existir, verdadeiramente consistente e transformadora, aquela que acreditamos ser a única que se transporta para a vida. Esta não se circunscreve a

“momentos” de escola, não resulta de processos formais de avaliação, mas visa a plena expansão da personalidade humana, que mobiliza a indagação e a inquietude, que ensina a confrontar, cada um, com a sua singularidade e a construir uma visão alargada, integradora e significativa do mundo.

O direito de acesso a um capital cultural comum, que é função do sistema educativo, e o reconhecimento da diversidade dos usos da língua, numa ótica de valorização dos textos, predominantemente não literários nos domínios da Oralidade, da Leitura e da Escrita. Será, pois, um quadro mais abrangente onde se espera que o desenvolvimento da consciência linguística e metalinguística corresponda a uma efetiva melhoria dos desempenhos no uso da língua.

Ancorados no Plano 21|23 Escola+ e, sobretudo, no Eixo “Ensinar e Aprender”, tomámos como referência de trabalho os conceitos de Avançar |Recuperando e Aprender |Integrando.

+ *Leitura e Escrita e Recuperar com Arte e Humanidades*, constituirão os domínios centrais de um Programa de integração curricular, transversal, ao longo do ano letivo, de fruição cultural e de aprendizagens em contexto informal ou não-formal.

*«Propostas de atividades e recursos pedagógicos para **indisciplinar** o currículo, utilizando as manifestações artísticas e patrimoniais (o cinema, a dança, a literatura, a música, o teatro, as artes plásticas, o património de proximidade), como ferramentas para a abordagem das diferentes áreas disciplinares: a cidadania, as línguas, a filosofia, a história, a geografia, a psicologia..., mas também cruzando as artes e as humanidades com as outras áreas curriculares e científicas.»*

Assim, mantém-se na Escola uma dinâmica, em contextos formais ou informais, de permanente desenvolvimento pessoal e interpessoal. Com o propósito de consubstanciar estas experiências dos alunos, numa organização escolar “temporal”, dedicaremos, ao longo do ano e ‘fora do conceito de “sala de aula”’, oficinas pedagógicas que integrarão os diversos temas propostos nos âmbitos referidos. Através da discussão de diversos temas,

atividades, projetos, visitas de estudo, convidados e palestrantes, a Escola promoverá a abordagem de conceitos atuais e globalizantes, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.

Um quarto período paralelo aos outros três como uma mochila cultural traduzida em oficinas, laboratórios, workshops de aprendizagem, nos quais se pretende a Escola a ler, os desafios de escrita, o interpretar e o perceber para conhecer e, em função disso, agir e transformar.

Procuraremos que o envolvimento da escola no trabalho **+ Leitura e Escrita**, acompanhe, complemente e robusteça a intencionalidade do Programa de Português do Ensino Secundário: *por trabalhar a relação com o texto através de uma exigência de complexidade textual, é nesta ótica, desejavelmente transversal ao currículo, que devem ser entendidos os géneros e os textos propostos, bem como os critérios que sustentam a sua progressão. A relação dos textos complexos com a aquisição e o treino da linguagem conceptual é decisiva neste contexto. Como lembra Bauerlein (2011, 29), os textos complexos podem ir desde “uma decisão do Supremo Tribunal a um poema épico ou a um tratado de ética”, sublinhando-se o facto de todos serem caracterizados por “um sentido denso, uma estrutura elaborada, um vocabulário sofisticado e intenções autorais subtis”. Por outro lado, ainda segundo o autor, a incapacidade de compreensão destes e doutros textos prende-se com “a falta de experiência” em lidar com textos que requeiram um “trabalho mais lento”.*

São objetivos principais:

- ✓ Desenvolver as competências de leitura, melhorando a fluência e a compreensão leitoras.
- ✓ Fazer do uso do livro, da leitura orientada e da escrita uma rotina diária/semanal em sala de aula.
- ✓ Capacitar para a comunicação e participação, desenvolvendo a literacia, a oralidade e a escrita.

Pretende-se que a experiência da leitura e da escrita conduza à recetividade para aprofundar o pensamento – ao treinar a compreensão de que nem tudo é imediato e facilmente exposto, treina-se aquilo que é uma etapa necessária à descoberta e ao treino da vontade de prosseguir em direção a uma etapa posterior.

**Avançaremos do(s) texto(s) para *Recuperar com Arte e Humanidades...***

O diálogo entre as palavras e o mundo, o texto enquanto representação de realidades múltiplas, as possibilidades do discurso e dos seus significados. Conduzir a uma realidade que pode dizer-se de muitas maneiras. Perceber a *quase* relação entre a escrita e a arte: Imitação, Expressão, Transfiguração, Conhecimento, Símbolo e Forma Significante, Criação de Forma e Conteúdo Imagéticos.

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os géneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Criar e recriar um mundo de verdades. A arte como as palavras levam, a partir de si, para todos os lugares.

Revelar e expor o mundo. Não o da geografia ou o da física, mas o outro...o que vai para além da sua natureza própria e das leis que o mantêm contido e previsível. O Mundo que dá ao homem a capacidade de ser mais, de ir além de si e de se descobrir nas suas infinitas possibilidades.

Perceber que a arte e as palavras que a pronunciam, transcendem a realidade e elaboram discursos assentes em emoções, sentimentos, paixão, liberdade e beleza; não residem no significado imediato das coisas, mas superam-no até ao invisível; são um lugar de criação maior onde a razão é excesso.

O que se pretende é ajudar os alunos a entender que o homem, através da arte, ultrapassa a visão realista e quotidiana, verificável, e vai à procura de uma outra, sensível e “comovida”, onde se encontra consigo próprio numa experiência única, intemporal, ilimitada e irrepetível.

Mas o desconhecimento da realidade histórica impede o acesso a uma compreensão abrangente do mundo e à construção de um espírito crítico sustentado. Os contributos da História são fundamentais para uma visão multiperspetivada da contemporaneidade e das situações | questões sobre as quais os alunos devem refletir e posicionar-se. É através dessas referências que tentamos compreender como evoluíram as sociedades e os homens, e é, por isso, preciso ajudar os alunos a ligar a História às Ideias e levá-los a compreender que a educação histórica contextualiza, orienta e permite conciliar e integrar os saberes, compreendendo as diferentes formas de aprender e de significar o mundo.

Será, então, também, nestas “oficinas” um propósito: mostrar que o mundo é efetivamente múltiplo e, portanto, não pode ser reduzido a apenas um sentido. Que aprender história é abrir-se aos infinitos sentidos que a vida pode ter e exige a capacidade de conviver com diferentes modos de explicar e de criar soluções para os problemas que se apresentam.

Ao promover o contacto com diferentes realidades, despertando a curiosidade sobre o mundo, queremos ser capazes de:

- ✓ Desenvolver a sensibilidade estética e artística.
- ✓ Estimular o pensamento crítico e a criatividade.
- ✓ Fomentar a colaboração entre agentes artísticos, a comunidade educativa e outros intervenientes, de forma a desenhar estratégias de ensino e aprendizagem que promovam um curriculum integrador sem muros entre a escola e a sua envolvência.
- ✓ Promover uma construção integrada dos saberes com recurso a uma aprendizagem ativa numa perspetiva interdisciplinar.
- ✓ Desenvolver as competências de pesquisa, avaliação, reflexão, mobilização crítica e autónoma da informação.
- ✓ Envolver o aluno na construção do conhecimento de forma positiva, no sentido de estimular o gosto pela aprendizagem e pela escola.

O foco da ação deste Plano centra-se numa efetiva melhoria das aprendizagens, orientadas para o desenvolvimento das áreas de competências inscritas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e nas Aprendizagens Essenciais das diferentes disciplinas.

O Psicólogo Eduardo Sá refere com apreensão a situação em que está a escola no nosso País e o impacto que esta está a ter nas crianças. No seu livro *Hoje não vou à escola* (Sá, 2014) diz-nos que “A escola do futuro tem de (...) ser uma escola onde haja espaço e tempo para falar, para experimentar e para compreender (...) que ligue curiosidade, orgulho, ambição, sonho e paixão, história e futuro (...) temos o dever de a recriar. Todos juntos!” (p. 8). Nesse sentido, é indispensável despertar o interesse dos alunos por diversos temas de áreas distintas por forma a adquirirem uma maior cultura geral, um gosto pela leitura e pesquisa de informação para melhorarem em termos de escrita, de interpretação e de análise, desenvolvendo competências de comunicação, de trabalho em equipa, de organização e de método.

A “oficina” pretende aliar a teoria e a prática com a pretensão de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica. Vieira & Volquind (2002, p. 11) definem como sendo “um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer”. Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Posto isto, numa oficina ocorre apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva.

O professor, na “oficina” não ensina o que sabe, mas sim procura ir ao encontro dos interesses e motivações dos alunos, sendo, portanto, uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem. Desse modo, a construção de saberes e as ações relacionadas decorrem, principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, dos interesses, das necessidades, dos valores dos participantes.

Partindo do pressuposto do filósofo alemão Feuerbach, ensinar é demonstrar e esta demonstração só tem sentido se existir comunicação. Nesse sentido, consideramos que a função de um ensino estruturado em modelo de oficina é exatamente potenciar a demonstração e a experimentação como aquisição de conhecimento.

Vários pedagogos defendem a importância de fazer da sala de aula uma oficina de conceitos, um laboratório conceptual izuzquiziano onde estes são experimentados, criados e testados, além de nos permitir enfatizar o seu caráter prático, para além de uma mera transmissão de conteúdos ou de um mero exercício de competências e habilidades, remetendo para a criação e experimentação. É importante o processo criativo, a experimentação, fazer o movimento de pensamento, e não tanto o ponto de chegada, a solução do problema. Importa que cada estudante possa passar pela experiência de pensar sobre as coisas, de ver a criação para poder criar ele próprio a sua construção de mundo, de lidar com conceitos criados na história, apropriar-se deles, compreendê-los, recriá-los e, quem sabe, chegar a criar conceitos próprios.

Neste percurso de elaboração das temáticas a serem abordadas, pensadas e construídas para as oficinas, ainda que aleatórias ou potencialmente sem a existência de um fio condutor imediato, urge lembrar que não se pretende que se trate de uma aula, ainda que estejamos entre professores e alunos. Assim sendo, os conceitos/conteúdos não são lecionados aleatoriamente, mas são dados em função daquilo que suscita interesse e que se articula com o quotidiano e experiência vivenciada pelo aluno ou que está integrado, de forma imediata, no mundo que nos rodeia.

Sabemos que aprendemos algo novo todos os dias, aprender é uma característica intrínseca do ser humano. É através da interação entre as pessoas, e com o meio ambiente que se dá a aquisição de novos conhecimentos e, a partir disso, podemos modificar os comportamentos que adquirimos ao longo da vida.

O processo de ensino num modelo de oficina assume, desta forma, um cariz de demonstração e de descoberta. Segundo autores da área da educação como Rui Grácio e Sousa Dias (2004), ensinar é então e completamente pôr em signo. En-signar é simultaneamente meter dentro do signo (in signo) e pôr fora pelo signo (dizer), ex-pôr, ex-plicar, des-dobrar o que estava dobrado, forçando a língua àquilo que nela está contido, explorando o que ela



torna possível, aquilo que só por ela se des-cobre. É escolher as palavras necessárias, aquelas que tornam possível uma distinção, é encontrar a marca distintiva de uma ideia, tornar notório (insigne). Ensinar é fazer conhecer pela palavra, iluminar para que o outro veja, «dar a ver».

É justamente porque ensinar é «dar a ver» que, de forma complementar, o ato de aprender e compreender é acompanhado de um movimento de abertura, de um despertar para. A nossa pretensão é despertar o aluno para a realidade que o rodeia, trazendo convidados que demonstram e criam com eles diferentes representações, experimentando diferentes áreas que potenciam a abertura e a possibilidade de escolha entre diferentes possibilidades, no sentido de *provocare* (dar a ver), como capacidade de entusiasmar por aquilo que está a ser ensinado, mandar vir, chamar para uma posição fronteira, pôr diante, enquanto antecipação de espaços de sentido no interior dos quais se recomeça a tarefa infinita e inquietante do pensar. Permitir este contacto direto e potenciar esta experimentação eleva o interesse e a motivação dos alunos, desenvolve-lhes a autonomia, estimulando-se o gosto pelo exercício crítico e criativo. A transversalidade e diversidade de temáticas abordadas provoca um *Awakening* constante que ultrapassa a monotonia e desperta a mente para o que virá a seguir. Consideramos que esta metodologia de trabalho poderá ser regeneradora de aprendizagens e impulsionadora de motivação.

*«Quanto mais nos elevamos, menores parecemos aos olhos daqueles que não sabem voar» Friedrich Nietzsche*

